

## CAROLINE PAGÈS GALLERY // COMUNICADO DE IMPRENSA



Miguel Palma, *Black Cotton*, 2012, balança de ferro, alfinete, boneca de cerâmica, algodão, 72 x 48 x 23 cm

### *Desviar do Olhar*

Conceição Abreu, Catarina Botelho,  
Driss Ouadahi, Luís Palma, Miguel Palma,  
Pedro Valdez Cardoso

**Inauguração Quinta-feira, 24 de Maio às 22h**

24 de Maio – 1 de Setembro, 2012

### Caroline Pagès Gallery

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.  
[Campo de Ourique]  
1350-315 Lisboa  
Tel. 21 387 33 76  
Tm. 91 679 56 97  
[gallery@carolinepages.com](mailto:gallery@carolinepages.com)  
[www.carolinepages.com](http://www.carolinepages.com)

Horário: Aberto das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação,

Na exposição *Desviar do Olhar*, Caroline Pagès convoca um conjunto de trabalhos que abordam questões de identidade que derivam dos processos de colonização, pós-colonização e da globalização. Em particular, no repto de um conjunto de artistas, e do posicionamento dos seus olhares, a um referente geográfico específico – o Norte de África.

*Cartas do Meu Magrebe* (2011) reúne as crónicas que resultaram da viagem levada a cabo por Ernesto de Sousa, que, com o objectivo de apresentar o «Dom Roberto» num festival de cinema em Mannheim, Alemanha, fez um longo desvio pelo Magrebe (Marrocos, Argélia, Tunísia). Era o ano de 1962. Viviam-se as transformações políticas fruto da conquista das independências. Porém, nas suas crónicas, sentimos que ao olhar puramente jornalístico, o autor sobrepõe a descoberta pessoal da importância da cultura do Norte de África na nossa própria cultura.

Este livro é um exemplo das abordagens a esta história problemática, que por via da literatura, do cinema ou das artes plásticas, começam a ser publicadas, exibidas, discutidas, *olhadas*. Porque a verdade é que a nossa relação com África é difícil de digerir quando recuamos no tempo, mas também o é no quotidiano presente. Talvez o passado estivesse mais localizado numa relação país/continente e, hoje, inseridos numa abordagem mais ampla, inscrevemo-nos na dualidade Europa/África. Mas a leitura das impressões de Ernesto de Sousa, relembra-nos que fazemos parte de um mapa que une várias culturas milenares (que se informam entre si) derivadas de um mesmo Mar. O *Breviário Mediterrânico*, livro do jugoslavo Predrag Matvejevitich, inicia-nos ao vocabulário com uma série de parágrafos que terminam em afirmações/axiomas. *O Mediterrâneo não é apenas uma geografia. A Europa nasceu no Mediterrâneo. O Mediterrâneo e o seu discurso são inseparáveis.*

Esta condição geográfica de que fazemos parte, esta história, cultura e discurso tem vindo a ser fragmentada, e, este Mar que une parece apenas separar, em vez de estreitar faz crescer a distância. Falamos das fronteiras que por vias políticas e económicas, são realçadas e tentam apagar a miscigenação cultural existente entre a Europa e o Norte de África. No documentário intitulado *Bab Sebta* (2008), que significa em árabe "A porta de Ceuta" e é o nome da passagem na fronteira entre Marrocos e Ceuta, alguém refere um graffiti, encontrado nas ruas da cidade onde convergem aqueles que, vindos de várias partes de África, procuram chegar à Europa. *Nós não atravessamos fronteiras, as fronteiras é que se atravessam entre nós.* É sem dúvida este trespassar, este nevoeiro, esta indistincção voluntária entre lugares que a prática e pesquisa artística toma como *desvio do olhar*.

Este olhar, ainda que tenha um referente comum é invocado pelo desdobramento de uma memória que cruza o genérico com o singular, mas que se assume, vincadamente, polissémica. O momento mais longínquo na linha temporal é invocado pela peça *Black Cotton* (2012) de **Miguel Palma** (PT, 1964), em que a memória factual é subvertida no triângulo constituído pela ideia de poder, pelo universo infantil e pela obsessão da máquina. Diametralmente oposta à memória colectiva, coloca-se a proposta de **Conceição Abreu** (PT, 1961) na instalação *Apontamentos* (2012) composta por desenhos e fotogramas que emergem de uma memória pessoal. Entre o facto e o afecto desenha-se o horizonte do mar, que continuamente *cria* o desejo de o franquear e ao mesmo tempo a impossibilidade de o fazer, *Anatomia de um Sonho* (2009-2012) de **Luís Palma** (PT, 1960) documenta a memória abstracta das fronteiras. As migrações, as trocas, ocorrem há muito no Mediterrâneo. Na série *entre nós e as palavras* (2011), **Catarina Botelho** (PT, 1981) dirigindo-se, em contracorrente, de Norte para Sul, procura na memória da experiência um tempo outro no qual o seu olhar participa. Os *objectos contraditórios* produzidos por **Pedro Valdez Cardoso** (PT, 1974) têm como base a memória construída resultante da incorporação das representações: local/global, vernacular/exótico, colono/colonizador. Destes mesmos pares-em-tensão, mas partindo da memória vivencial, surge a prática de **Driss Ouadahi** (DZ/DE, 1959), que evocando o seu percurso biográfico (nascido em Casablanca, cresceu em Argel e hoje vive em Dusseldorf) mapeia, num único plano da pintura, várias movimentações de pessoas entre países, ideologias e intenções.

Lisboa, Maio de 2012  
Maria do Mar Fazenda

Para mais informação e imagens por favor contactar a galeria.